

## **A RELIGIOSIDADE, OS RISOS E SUAS FORMAS EM VILA BOA DE GOIÁS**

**Dr. Humberto César Machado\***

**Dr.<sup>a</sup>. Cristina de Cássia P. Moraes\*\***

**Esp. Mara Cristina Machado Lima\*\*\***

### **INTRODUÇÃO**

Vila Boa de Goiás durante o século XVIII passava por diversas transformações políticas, econômicas e sociais. Descoberta em 1726, com a chegada de Bartolomeu Bueno da Silva (pai), funda-se o arraial de Santana em virtude da grande quantidade de ouro encontrada nas terras e rios deste distante lugar. Mas é somente a partir de 1739 é que o pequeno arraial tornar-se-á por uma ordem régia de 1736, local de maior destaque por ser “*único município*” (sic) da Capitania durante todo o séc. XVIII (CAMPOS,1760). A vida política no arraial parecia inexistir, prevalecendo à lei do mais forte. Após ter-se elevado à Vila (1739), é também tomada às primeiras providências conforme ordens da coroa portuguesa para a construção de edifícios públicos principais a fim de criar condições para o desenvolvimento das vidas administrativa e social.

O medo, a guerra e a paz, representavam problemas constantes vividos naquele período e, partindo dessa concepção será desconstruído o mecanismo humano decompondo-o e recompondo-o em conformidade com sua condição original com o intuito de saber sua condição social, tendo em vista o ajustamento dos homens entre si, visando à união e a paz (SIQUEIRA, 1850).

Portugal era um país eminentemente católico e trouxe a sua colônia, sua cultura religiosa; no entanto, o Brasil, país civilizado por negros escravos, índios nativos e europeus, sofreu confrontos dessas três culturas distintas, o que fez surgir indubitavelmente movimentos culturais, que culminaram nas procissões religiosas que eram atividades decorrentes do culto ao sagrado. Tais procissões anteviam sempre em decorrência a uma comemoração religiosa ou não, caracterizada pela alegria, destreza e descontração das pessoas que participavam deste movimento folclórico-cultural (MORAES, 1760).

A distância dos portos e os precários meios de escoação e acesso ao Centro-Oeste era uma realidade. Nesse contexto, seria natural que se houvesse uma sutil e, porém, marcante adaptação social e cultural do meio de vida da população desta região. Nos longínquos sertões coloniais existia riqueza, pobreza, exploração e miséria, mas como se sabe, a necessidade humana de se sociabilizar desenvolveu-se situações singulares para o convívio mútuo entre as

peessoas que aqui se encontravam. Apesar de ter ocorrido sutis adaptações, os costumes europeus eram preservados mesmo nestes longínquos rincões, a obediência ao Estado era também mantida, apesar da exploração colonial ser um fato, mantinha-se a grandiosidade das comemorações que aqui acontecia preservado sempre o requinte e a formalidade exigida durante este período.

## **1 A REGIÃO**

Sabe-se que a ocupação do Centro-Oeste brasileiro naquele período se deu por meio da exploração aurífera, a distância dos grandes centros administrativos da época do Brasil Colônia e a também a grande distância dos portos e os precários meios de ligação entre esses dois pontos levava a Capitania de Goiás a se isolar no meio de um Brasil selvagem, cheio de doenças e privações sociais. Mas algumas vantagens à região dos Guayazes detinham, era uma Capitania que proporcionava uma "liberdade restrita", era uma terra sem normatizações muito religiosas (fazia-se vistas grossas de acordo com a conveniência daqueles que detinham o poder), uma terra quase que de ninguém, uma terra onde se imperava a lei do mais forte ou do mais astuto como preferir.

As festas em Vila Boa de Goiás estavam sempre integradas a uma representação formal destes rincões: os festejos e as comemorações surpreendiam e encantavam a todos que aqui viviam ou mesmo que de passagem diante de sua beleza e característica informal que as mesmas apresentavam, porém, elas aconteciam sempre dentro de um critério cuidadosamente vigiado. O culto e a religiosidade cristã era apresentada com uma característica modesta, mas de vigor intenso, o qual retratava ali a alma e a alegria popular daquele povo. Os sentimentos trazidos no coração daquela era o de opressão, haja vista, que este povo buscava obter uma característica própria em sua tradição transmutada diante dessa realidade social implantada pelo Estado Português diante de sua colônia. O Brasil então colônia portuguesa era um país jovem e com condições sociais extremamente precárias em Goiás, como em todo o resto do território brasileiro, celebravam-se importantes acontecimentos<sup>1</sup> ocorridos na corte portuguesa, tais como: casamentos, nascimentos, mortes e outros.

## **2 AS COMEMORAÇÕES**

As características lúdicas e singulares que as festas religiosas traziam conseguiam levar as pessoas que aqui residiam, e mesmo aquelas que aqui estavam de passagem, a uma ruptura na rotina social da região, levando todos a momentos de criatividade e descanso, o que

---

<sup>1</sup> A capitania dos Goyazes em festa: as comemorações pela convalescência de Rei D. José I em 176

também contribuía com a perenidade nas instituições<sup>2</sup> de poder aqui instaladas. As procissões eram uma delas, e sem sombra de dúvidas tinham uma importante função social, pois, permitiam à população uma transposição das condições precárias de trabalho, perigo e exploração em que viviam, mas não somente a isso, elas contribuía também para uma aproximação maior entre as pessoas. Além disso, despertavam laços afetivos e de solidariedade, os quais marcavam a indiferença às diferenças, ou seja, colocavam todos no mesmo patamar ricos, pobres e escravos, e isso acabava por incentivar a ruptura com padrões e a quebra de regras e comportamentos exigidos pela sociedade elitista da época.

Apesar da dominação do Estado português diante da igreja e da nova colônia. o Estado e a igreja sempre tiveram uma ligação direta mantendo o controle social, político e econômico, constante e rígido diante da população residente na nova colônia. Mesmo com a participação popular nas procissões e a eminente integração das classes sociais havia posicionamento sistêmico a sei seguido pelas diversas classes sociais e profissões no decorrer destas festividades.

Dos festejos no período colonial na capitania de Goiás, as procissões eram as mais importantes realizações culturais existentes nesta época. No entanto, estas comemorações não se limitavam somente às procissões religiosas em vias públicas, mas também em noitadas regradas com muita comida e boa música. Os aspectos restritos e singulares destas comemorações eram cedidos a poucos privilegiados, ou seja, havia sempre interesses específicos a serem explorados que orientavam sempre a ordem sistêmica das comemorações. Os direcionamentos destas festividades eram sempre ditados pelos governantes.

Estas festividades quase sempre se prolongavam por dias, chegando à meses, e os motivos para essas comemorações eram variados, iam de uma simples festa de boas vindas como já foi apresentado, a bailes suntuosos ou festas populares (que se dizia festas profanas) sem motivos específicos.

Os detalhes festivos chegavam a surpreender aqueles que aqui se encontravam de passagem, em virtude de sua grandiosidade, pois, relata detalhes como se dava a decoração, a vestimenta, a musicalidade, e até mesmo o que se servia aos convidados, ou seja, determinava em um plano geral a contextualização do evento. Como se pode ver, apesar da distância e do isolamento regional, a população de Vila Boa de Goiás se divertia com intenso vigor mantendo é claro as devidas proporções. Eram realizados bailes em salões que eram muito bem decorados, e que não perdiam em nada para as festas realizadas na corte.

### 3 DAS FORMAS AO RISO

O mundo de formas e risos era visto com certa restrição pela ordem dominante da, a cultura oficial se opunha as manifestações populares interferindo no seu desenvolvimento natural. A diversidade de formas e risos destas manifestações culturais ia das festas públicas oficiais, a ritos e cultos populares onde fazia dos bufões, tolos, de gigantes, anões e monstro, palhaços.

O estilo e a vasta cultura popular eram únicos e indispensáveis à região, a multiplicidade cultural e os festejos se davam em praça pública, representados de forma natural e com a participação de todos, desde os mais afortunados, até o mais simples caboclo. Nestes festejos todos os atos e ritos eram mantidos por uma pré-determinação, o pódio (estandarte com uma imagem sacra) era acompanhado de atos sistêmicos que enchia a praça e os logradouros públicos durante dias inteiros chegando há semanas e tudo em comemoração a divindade, o que, sobre uma perspectiva atual e cética trazia uma característica cômica e eram estes aspectos populares que as festas religiosas possuíam e que também eram marcados pela tradição cultural.

Estes ricos cortejos religiosos eram habitualmente acompanhados de feiras públicas onde estas representações se davam em um ambiente festivo onde se destacava a igualdade entre a população, onde o riso acompanhava aquilo que se tornara a igualdade da vida cotidiana<sup>2</sup> entre os civis, no entanto, todos esses cortejos religiosos eram apresentados com formas e cerimônias oficiais sobre a orientação da igreja e do Estado. A organização folclórica deste povo compreende a construção cultural de vários povos durante uma infinidade de séculos, pois, a percepção de mundo era anterior a esta sociedade. O folclore dos povos que ali viviam se convergiam na organização dos cultos determinando o tom de sua existência. Os ritos e mitos daquele regime social traziam consigo aspectos de extrema seriedade, características específicas das formas aplicadas aos ritos o que nada mais eram que a natureza da existência daquele povo.

As formas pertencentes à esfera popular eram estereótipos diante da igreja e da religião. A interpretação do povo que se faziam espectadores e atores destas que se constituíam a mais pura forma de interpretação, de elementos característicos da representação cultural daquela região, onde o palco era a rua, o espetáculo a própria natureza e o povo diante de sua liberdade universal participava dos festejos de forma intensa. Estas festas se

---

<sup>2</sup> A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento

transformaram na própria vida daquele povo, o espetáculo social que marca aquela comunidade, frutos de uma condição coletiva e de práticas de trabalho. Estas comemorações espremiavam um sentido profundo da concepção social e de mundo naquele período, o descanso ou a trégua do trabalho relacionava-se sempre com a ordem daquelas comemorações.

## **CONCLUSÃO**

As procissões tinham por objetivo velado a consagração da desigualdade social, entretanto, elas propiciavam a todos uma igualdade especial onde o contato livre entre as pessoas de diversas classes sociais transpunham barreiras que até então eram intransponíveis diante da condição social em que as pessoas ou as famílias ali viviam. É necessário lembrar que os manuscritos em que se fundamenta a estruturação deste trabalho trata-se de documentos oficiais da igreja onde se demonstra de fato o ponto de vista desta instituição, suas formas e seus símbolos, expondo com profunda excelência suas ideias.

A cultura popular coletiva retrata um tipo peculiar de imagens e concepções estéticas da vida cotidiana, o que caracteriza claramente a cultura de um povo que vem a ultrapassar a barreira do tempo fazendo compreender o hoje a partir do ontem. A ideia é alheia a cultura, a maneira difere-se da visão e as lendas valem-se das opiniões para se firmarem. As emoções despertam a imaginação humana onde se torna a renovação do domínio metafórico, intelectual e ideológico do ser humano. Conclui-se aqui a busca em apresentar ao caro leitor uma forma simples, porém, teórica fundamentada em documentos e obras escritas sobre o assunto, como se fundamenta parte da cultura goiana.

## **BIBLIOGRAFIA**

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na idade Média e no Renascimento** (O contexto de François Rabelais). Ed. UNB - 4 Ed., 1999.

FUNES, Eurípedes Amônio. **Goiás 1800-1850 Um Período de Transição da Mineração à Agropecuária**. Ed. UFG 1986, Goiânia.

MORAES, Cristina de Cássia P. **A capitania dos Guayazes em festa: As comemorações pela convalescência do Rei D. José 1 em 1760**.

PRIORE Mary Dei Priore. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**". Ed. Brasiliense, 1994. São Paulo.

RABELO, Danilo. Dissertação de Mestrado - UFG- **Os excessos do Corpo**, 1997, p.125.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem a Província de Goiás**.

SIQUEIRA, Joaquim da Costa. **Revista trimestral de história e geografia**, 1' trim. de 1850.